



A GÊNESE E A DINÂMICA RURAL-URBANA DE SANTA CRUZ DO RIO PARDO - SP: 1870 – 1950

The Genesis and rural-urban dynamics of Santa Cruz do Rio Pardo - SP: 1870 – 1950

Génesis y dinámica rural-urbana de Santa Cruz del Río Pardo - SP: 1870 – 1950

Genèse et dynamique rural-urbain de Santa Cruz do Rio Pardo - SP: 1870-1950

<https://doi.org/10.35701/rcgs.v22n2.664>

Franciele Miranda Ferreira Dias¹

Histórico do Artigo:

Recebido em 14 de Fevereiro de 2020

Aceito em 21 de Abril de 2020

Publicado em 05 de Setembro de 2020

RESUMO

O objetivo do trabalho é apresentar a gênese de Santa Cruz do Rio Pardo, cidade localizada na região Centro-Oeste paulista, a qual foi “boca do sertão” (MONBEIG, 1984), sendo elemento importante, juntamente com o papel da ferrovia e da expansão cafeeira, para a compreensão do processo de criação desse núcleo urbano. A dinâmica rural - urbana é discutida no contexto da gênese desse município, considerando o período entre 1870 (criação do município) e 1950, quando o café perdeu importância na economia municipal bem como intensificou-se o processo de urbanização e a dinâmica rural-urbana se alterou. Para a realização do trabalho, quanto à compreensão da gênese da cidade, consultou-se a bibliografia relativa à história de Santa Cruz do Rio Pardo bem como dados censitários, com o intuito principalmente, de analisar a dinâmica-rural urbana, durante o período citado. Foi realizado um levantamento de campo em junho de 2018, com o objetivo de coletar informações acerca dos aspectos históricos e da dinâmica rural-urbana, não esclarecidos pela bibliografia consultada. Compreendeu-se que, embora a origem de Santa Cruz do Rio Pardo seja anterior à expansão cafeeira e a inserção da ferrovia, o desenvolvimento do município está atrelado aos dois elementos citados, importantes na dinâmica rural-urbana.

Palavras-Chaves: Santa Cruz do Rio Pardo, Gênese, Dinâmica Rural-Urbana, Café, Ferrovia.

ABSTRACT

The objective of the work is to present the genesis of Santa Cruz do Rio Pardo, a city located in the Midwest region of São Paulo, which was “boca do sertão” (MONBEIG, 1984), being an important element, together with the role of the railway and the coffee expansion, to understand the process of creating this urban center. The rural - urban dynamics is discussed in the context of the genesis of this municipality, considering the period between 1870 (creation of the municipality) and 1950, when coffee

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Email: franciele.ferreiradias@gmail.com

lost importance in the municipal economy as well as the urbanization process and rural-urban dynamics intensified. has changed. In order to carry out the work, regarding the understanding of the genesis of the city, we consulted the bibliography on the history of Santa Cruz do Rio Pardo as well as census data, with the main purpose of analyzing the urban rural dynamics during the mentioned period. A field survey was carried out in June 2018, in order to collect information about the historical aspects and the rural-urban dynamics, not clarified by the consulted bibliography. It was understood that, although the origin of Santa Cruz do Rio Pardo predates the coffee expansion and the insertion of the railway, the development of the municipality is linked to the two elements mentioned, important in the rural-urban dynamics.

Keywords: Santa Cruz do Rio Pardo, Genesis, Rural-Urban Dynamics, Café, Railway.

RESUMEN

El objetivo del trabajo es presentar la génesis de Santa Cruz do Rio Pardo, una ciudad ubicada en la región del centro-oeste paulista, la cual fue "boca del interior" (MONBEIG, 1984), siendo un elemento importante, junto con el papel del ferrocarril y de la expansión del café, para comprender el proceso de creación de este centro urbano. La dinámica rural-urbana se discute en el contexto de la génesis de este municipio, considerando el período entre 1870 (creación del municipio) y 1950, cuando el café perdió importancia en la economía municipal, así como, se intensificó el proceso de urbanización y la dinámica rural-urbana ha cambiado. Para llevar a cabo el trabajo, en relación a la comprensión de la génesis de la ciudad, consultamos la bibliografía sobre la historia de Santa Cruz do Rio Pardo y los datos del censo, con el objetivo principal de analizar la dinámica rural-urbana durante el período mencionado. Fue realizado un análisis de campo en junio de 2018, con el objetivo de coleccionar informaciones sobre aspectos históricos y de dinámica rural-urbana, que no fueron aclaradas por la bibliografía consultada. Se entendió que, aunque el origen de Santa Cruz do Rio Pardo es anterior a la expansión del café y la inserción del ferrocarril, el desarrollo del municipio está vinculado a los dos elementos mencionados, importantes en la dinámica rural-urbana.

Palabras claves: Santa Cruz del Río Pardo, Génesis; Dinámica Rural-Urbana, Café, Ferrocarril.

RÉSUMÉ

L'objectif de l'œuvre est de présenter la genèse de Santa Cruz do Rio Pardo, une ville située dans la région du Midwest de São Paulo, qui était «boca do sertão» (MONBEIG, 1984), étant un élément important, ainsi que le rôle du chemin de fer et de l'expansion du café, pour comprendre le processus de création de ce centre urbain. La dynamique rurale-urbaine est abordée dans le contexte de la genèse de cette commune, en considérant la période entre 1870 (création de la commune) et 1950, où le café perd de son importance dans l'économie communale ainsi que le processus d'urbanisation et la dynamique rural-urbain s'intensifient. a changé. Pour mener à bien le travail, concernant la compréhension de la genèse de la ville, nous avons consulté la bibliographie sur l'histoire de Santa Cruz do Rio Pardo ainsi que les données de recensement, dans le but principal d'analyser la dynamique rurale urbaine au cours de la période mentionnée. Une enquête de terrain a été réalisée en juin 2018, dans le but de collecter des informations sur les aspects historiques et les dynamiques rural-urbain, qui n'ont pas été clarifiés par la bibliographie consultée. Il était entendu que, bien que l'origine de Santa Cruz do Rio Pardo soit antérieure à l'expansion du café et à l'insertion du chemin de fer, le développement de la commune est lié aux deux éléments mentionnés, importants dans la dynamique rural-urbain.

Mots-clés: Santa Cruz do Rio Pardo, Genesis, Dynamique rurale-urbaine, Café, Chemin de fer.

INTRODUÇÃO

De acordo com Santos (2013), o Brasil foi durante séculos, um grande arquipélago cujos subespaços evoluíram segundo lógicas próprias relacionadas na maioria das vezes com o mundo exterior, existindo poucas relações econômicas internas. Nesse sentido, a criação de cidades se deu vagorosamente, com a intensificação apenas a partir do início do século XX, principalmente em razão do desenvolvimento e consolidação dos meios de transportes. No estado de São Paulo a gênese das

idades está relacionada à inserção da ferrovia, amplamente difundida, servindo inicialmente como elemento conector entre essas cidades, na medida que funcionava como meio de transporte para a população, escoamento da produção e para a difusão de informações.

A partir das ferrovias, tem-se a consolidação de parte dos núcleos urbanos paulistas, principalmente no Centro-Oeste Paulista, onde localiza-se Santa Cruz do Rio Pardo (SEADE, 2011). O Centro-Oeste Paulista era composto por inúmeros latifúndios, que durante o período das sesmarias não progrediram, permanecendo povoações como Lençóis Paulista, Botucatu, São Manuel, Santa Cruz do Rio Pardo, Jaú e Águas de Santa Bárbara (PRADO, 2012). Assim, até a efetivação do complexo cafeeiro paulista, o Centro-Oeste Paulista não estava efetivamente ocupado, apresentando ocupação dispersa e algumas poucas atividades agrícolas (PRADO, 1999); (WAIBEL, 1955).

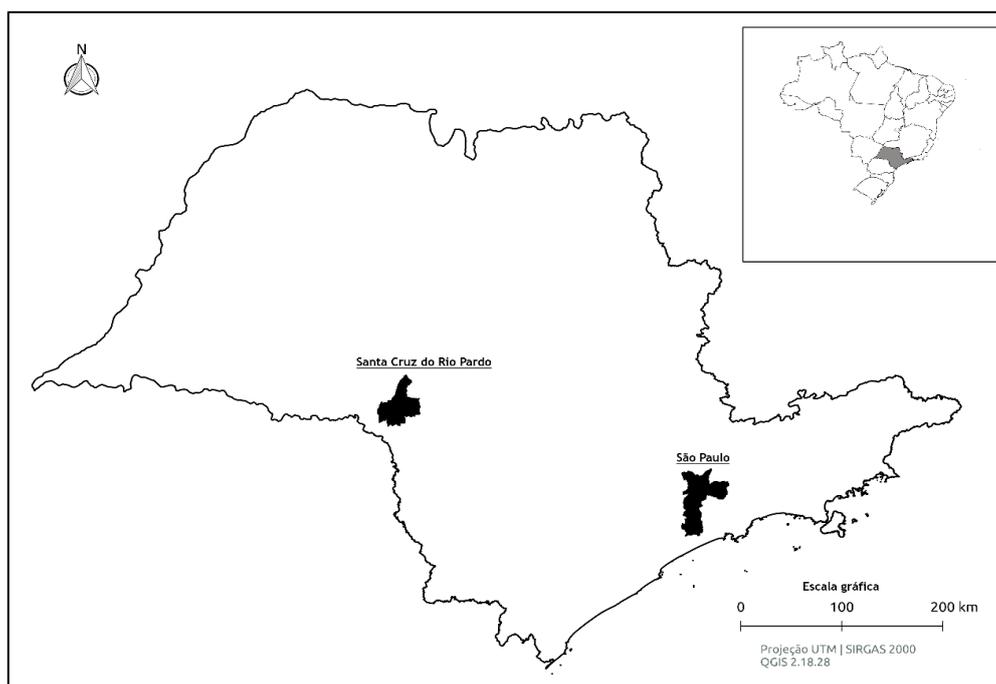
Conforme se discute nesse artigo, o cultivo do café para fins de exportação resultava em uma dinâmica rural-urbana relativamente complexa, na medida que a cidade ofertava os bens e serviços necessários à produção cafeeira. Por outro lado, a ferrovia servia tanto para o escoamento dessa produção quanto para o transporte de passageiros. Cumpre a esse trabalho o objetivo de discutir e apresentar essa dinâmica e o papel da ferrovia e do café na consolidação da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo.

Presentemente, Santa Cruz do Rio Pardo² conta 47.395 habitantes (IBGE, 2018) e pauta sua economia no cultivo de cana-de-açúcar, nas indústrias³ beneficiadoras de arroz (Brasília Alimentos, São João, Nardo, Picinnin, Rosalito e Guacira), na indústria de rações para gatos e cães (Special Dog), além de apresentar o setor terciário vinculado à prestação de serviços ao setor industrial mencionado. O cultivo de café deixou de ser uma atividade econômica relevante a partir da década de 1960 (FERREIRA DIAS, 2019).

O mapa 1 apresenta a localização da cidade estudada, a 356 km da capital São Paulo, sendo parte da Região Centro-Oeste Paulista (SEADE, 2011).

² Santa Cruz do Rio Pardo foi um dos objetos de estudo da tese de doutoramento da autora intitulada “Pequenas Cidades na Rede Urbana de Ourinhos-SP: Agronegócio e Especialização Produtiva.

³ As indústrias beneficiadoras de arroz formam o segundo maior polo produtivo do Brasil, sendo superadas pelo Rio Grande do Sul, líder do setor. A Special Dog é segunda maior empresa produtora de alimentos para cães e gatos, com capital 100% nacional (FERREIRA DIAS, 2019).

Mapa 1: Localização de Santa Cruz do Rio Pardo

Fonte: Org: Autora.

Justifica-se a realização desse trabalho como uma forma de compreender qual papel desempenhado pelas pequenas cidades em um contexto em que as atividades econômicas eram mormente desenvolvidas no âmbito rural e que a cidade desempenhava papel complementar, sendo suporte necessário à economia municipal. Portanto, o trabalho procura entender qual o papel da pequena cidade em um contexto ainda essencialmente rural, antes da efetivação do processo de urbanização brasileiro.

Para a realização do trabalho, quanto à compreensão da gênese da cidade, consultou-se a bibliografia relativa à história de Santa Cruz do Rio Pardo bem como dados censitários, com o intuito principalmente, de analisar a dinâmica-rural urbana, durante o período citado. Foi realizado um levantamento de campo em junho de 2018 para a coleta de informações acerca dos aspectos históricos e da dinâmica rural-urbana, não esclarecidos pela bibliografia consultada. O levantamento de campo consistiu em diálogos informais⁴ com empresários do setor de beneficiamento de arroz, dois moradores locais e um agente público vinculado à Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Rio Pardo.

O objetivo principal foi analisar a dinâmica rural-urbana de Santa Cruz do Rio Pardo entre 1870-1950, período em que ocorreu a gênese e a consolidação do núcleo urbano estudado. Os objetivos específicos foram: 1) Apresentar a gênese de Santa Cruz do Rio Pardo, associado a elementos

⁴ Os participantes dos diálogos informais solicitaram que não fossem divulgados seus nomes.

importantes como o papel da ferrovia e da expansão cafeeira, os quais contribuíram para a criação e consolidação desse núcleo urbano; 2) Associar a queda da produção cafeeira com a intensificação do processo de urbanização desse município e o desenvolvimento das atividades econômicas urbanas.

A Gênese de Santa Cruz do Rio Pardo

Conforme Prado (1999) o princípio da ocupação do estado de São Paulo, deu-se na primeira metade do século XVI, através do povoamento do litoral e arredores da capital São Paulo. Porém, até meados do século XVIII, o território paulista era fracamente ocupado, restrito às povoações onde desenvolvia-se lugares de passagem, comércio de mercadorias e/ou controle administrativo da colônia, não existindo atividades econômicas relevantes e urbanização efetiva. Até a primeira metade do século XIX, o povoamento permanecia restrito ao litoral, região da capital paulista, Vale do Paraíba e parte da divisa com o estado de Minas Gerais. O Centro-Oeste Paulista, era, do ponto de vista do processo de incorporação de terra, relativo ao sistema capitalista e a criação de cidades, pouco habitado.

O interior do estado, embora praticamente desabitado, já era conhecido por alguns grupos que se dedicavam à atividade seminômade, com alguma cooperação ocasional. Esse povoamento disperso era manifesto através de uma população rarefeita espalhada pelo território, dificultando a fundação de novas povoações. Porém, devido à existência de muitas terras férteis, era possível a renovação do plantio, sem a necessidade de comprar outra terra e, portanto, expandir a ocupação por novas partes do estado paulista (CANDIDO, 1979).

No último decênio do século XVIII, a decadência da atividade mineradora em Minas Gerais levou à migração, inicialmente, em direção ao norte do estado de São Paulo, nas proximidades de Ribeirão Preto e posteriormente para o Centro-Oeste Paulista. Esses migrantes dedicavam-se à criação de gado bovino e culturas de subsistência, pois a distância dos principais centros urbanos e a falta de meios de transportes e vias de acesso inviabilizava atividades econômicas mais complexas. Até a primeira metade do século XIX, o Centro-Oeste Paulista era pouco conhecido, sendo um sertão habitado por indígenas e alguns caboclos dispersos nas proximidades dos grandes rios, dentre eles o Paranapanema e o Pardo (MONBEIG, 1984).

Para Junqueira (1994) Santa Cruz do Rio Pardo era área de passagem de exploradores que buscavam adentrar o sertão paulista, através dos cursos dos rios navegáveis Turvo e Pardo e quanto aos espigões, que facilitavam parcialmente esses deslocamentos. O início da ocupação do município foi motivado por agricultores mineiros, que estabeleceram-se às margens do Rio Pardo durante a década de 1850, sendo a fundação oficial em 1872.

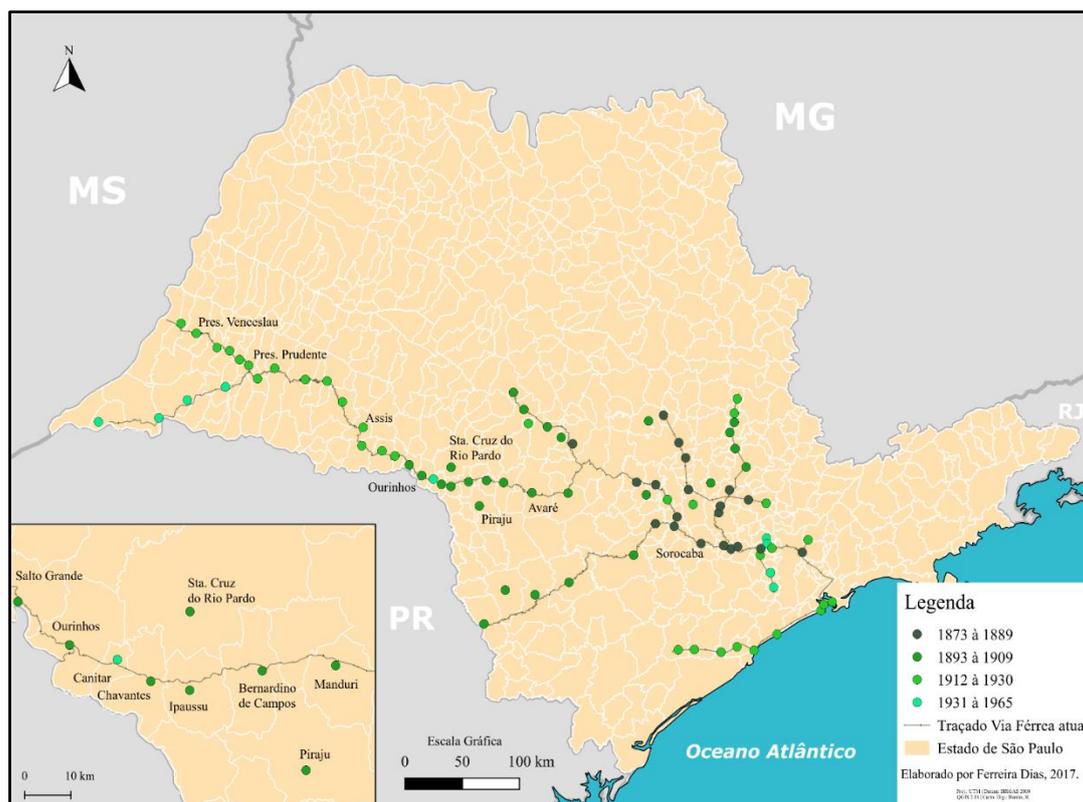
Desse modo, antes da expansão da marcha do café em direção ao Centro-Oeste Paulista, Santa Cruz do Rio Pardo e outras povoações foram criadas, a exemplo de Águas de Santa Bárbara (1858), Botucatu (1846), Lençóis Paulista (1858) e São Pedro do Turvo (1876), configurando o limite da ocupação em direção ao oeste paulista, caracterizando-se pela agricultura de subsistência e restrita pecuária (MONBEIG, 1984). Porém, o desenvolvimento de Santa Cruz do Rio Pardo atrela-se à expansão dos trilhos da E.F. Sorocabana e da marcha do café, pois permaneceu durante 30 anos como a “Boca de Sertão” (MONBEIG, 1984), sendo que nesse período a cidade era a fronteira entre o mundo civilizado e aquele desconhecido, ou seja, o limite do povoamento humano com o papel colonizador.

O fator fundamental para a ocupação do Centro-Oeste paulista, até então fracamente habitado e a gênese da maioria dos núcleos urbanos, atrela-se à expansão dos cafeeiros pelo estado, após a segunda metade do século XIX (PRADO, 1999). Embora o café tenha sido plantado em diferentes partes⁵ do Brasil, o êxito ocorreu a partir do aumento da demanda internacional, em especial quanto à popularização dessa bebida nos Estados Unidos. O estado de São Paulo tornou-se o principal produtor brasileiro por reunir uma série de características necessária à produção comercial do café: 1) declividade do solo menos abrupta; 2) clima adequado com chuvas bem distribuídas; 3) boa qualidade de solo; 4) capital para financiar a produção; 5) O cultivo do café era voltado para fins de exportação, atendendo à crescente demanda externa; 6) A produção era realizada em grandes propriedades, absorvendo a ampla mão-de-obra imigrante recém-chegada ao estado (SILVA, 1985).

Apesar do Vale do Paraíba ter sido o precursor e principal produtor de café no estado de São Paulo, com o exaurimento dos recursos naturais locais, direcionou-se a produção para o centro e norte do estado, incorporando novas terras e criando novas povoações. Ao atingir o norte do estado de São Paulo, surgiu o problema da distância dos cafeeiros quanto ao escoamento da produção, via exportação, realizado através do porto de Santos (SP). O foi problema resolvido através da construção das ferrovias (CANO, 2007).

No mapa 2 verifica-se a expansão dos trilhos da E.F. Sorocabana, destacando-se Santa Cruz do Rio Pardo e cidades próximas. Conforme Marques (1974), a estrada de ferro Sorocabana atingiu Piraju e Manduri em 1906, Santa Cruz do Rio Pardo (ramal), Ourinhos, Chavantes, Ipaussu, Bernardino de Campos e Chavantes em 1908 e; em 1909, Salto Grande.

⁵ Para mais informações, consultar Silva (1985).

Mapa 2: Evolução da criação das estações da E.F Sorocabana

Fonte: Marques (1974).

Embora Santa Cruz do Rio Pardo não tivesse uma estação ferroviária propriamente dita, havia dois ramais que atendiam a produção cafeeira do município, o ramal localizado no atual bairro da Estação, mas que naquele período referia-se à área rural do município e o ramal do distrito de Sodrélia, desativados na década de 1970 e 1980 respectivamente (LEVANTAMENTO DE CAMPO, 2018). A chegada da ferrovia contribuía para a efetivação do núcleo urbano já existente ou influenciava na fixação de novas povoações, pois a estação ferroviária trazia trabalhadores e a necessidade de comércio que atendesse suas necessidades cotidianas. Também, a existência da fazenda de café demandava determinados serviços e comércios que seriam atendidos pela cidade (MONBEIG, 1984).

Desde sua fundação, Santa Cruz do Rio Pardo era a sede municipal de uma vasta área (de 3.396 km²) composta por inúmeros distritos, sendo parcela emancipados posteriormente enquanto outros permaneceram distritos, conforme o quadro 1.

A importância desses distritos no período analisado ocorreu devido à expressiva produção cafeeira nos mesmos, sendo que em suas sedes eram disponibilizados comércio e serviços necessários à essa produção. A maioria de distritos foram criados a partir do início do século XX, quando a cafeicultura foi expandida nessa parte do estado de São Paulo. A inserção do café

ocasionou a vinda de muitos trabalhadores, a fim de servirem de mão-de-obra para os recentes cafezais, levando a criação desses distritos.

Quadro 1: Distritos de Santa Cruz do Rio Pardo

Distrito	Fundação	Desmembramento	Situação Atual
São Pedro do Turvo	24/12/1876	29/05/1891	Município de São Pedro do Turvo
Campos Novos	13/04/1880	10/03/1885	Município de Echaporã
Salto Grande	14/04/1891	27/11/1911	Município de Salto Grande
Óleo	06/06/1891	14/12/1917	Município de Óleo
Chavantes (ex-Santana do Irapé)	22/10/1909	04/12/1922	Município de Chavantes
Bernardino de Campos	06/12/1917	09/12/1923	Município de Bernardino de Campos
Rio Turvo	21/05/1934	09/1/1990	Município de Espírito Santo do Turvo
Sodrélia	07/11/1929	-----	Distrito de Santa Cruz do Rio Pardo
Caporanga	30/11/1944	-----	Distrito de Santa Cruz do Rio Pardo
Clarínia	30/11/1944	-----	Distrito de Santa Cruz do Rio Pardo
Domélia	30/11/1944	-----	Distrito de Santa Cruz do Rio Pardo
Mandaguari	30/05/1905	-----	extinto

Fonte: Seade - Histórico dos municípios paulistas.
Org: Ferreira Dias, 2019.

O cultivo do café estendeu-se ao Centro-Oeste Paulista, já que havia as condições físicas e econômicas: 1) grandes extensões de terras que ainda não tinham proprietários e que poderiam ser utilizadas para o cultivo de café; 2) clima adequado, com pouca probabilidade de geadas e solo de boa qualidade; 3) numerosa mão-de-obra, sobretudo relacionada aos migrantes de origem italiana e japonesa, recém-chegados à região; 4) expansão da ferrovia Sorocabana, rumo ao oeste do estado de São Paulo, possibilitando o escoamento da produção; 5) núcleos urbanos que proporcionavam condições à efetivação da produção cafeeira, oferecendo comércio, serviços, bancos, maquinários, etc. (MONBEIG, 1984).

Para Holloway (1984), o cultivo de café era realizado em grandes fazendas, onde estabeleceu-se o regime de colonato, sendo os distritos, elementos articulados à produção. O colonato consistia em um salário pago quanto ao cultivo e colheita do café, sendo esse trabalho realizado por todos os membros da família de colonos e os trabalhos ocasionais, realizados em troca de pequenas quantidades monetárias, moradia e pequenos espaços na propriedade rural nos quais o mesmo poderia cultivar produtos para sua subsistência.

Em decorrência da expansão da atividade cafeeira, do sistema de trabalho de colonato e à chegada da ferrovia, várias cidades foram criadas e aquelas já existentes, tornaram-se maiores do ponto de vista demográfico e econômico, pois junto a alguma estação ferroviária, desenvolvia-se uma série de atividades comerciais voltadas a atender as demandas que esse meio de transporte exigia (MONBEIG, 1984).

Dinâmica rural e urbana de Santa Cruz do Rio Pardo até 1950

Durante os primeiros anos da fundação de Santa Cruz do Rio Pardo, a economia mostrava-se atrelada a cultivos para subsistência, ao passo que:

A economia primitiva de Santa Cruz do Rio Pardo assentava-se sobre a criação de porcos muito mais que a de gado. Os porcos eram criados na liberdade da natureza e depois eram deslocados para o comércio de Lençóis, Botucatu e outras cidades [...]. O cultivo do milho era fundamental para a manutenção dos porcos e do gado [...] os habitantes daquela longínqua Santa Cruz do Rio Pardo provinham suas necessidades básicas através do plantio de cereais, algodão e fumo. As técnicas de plantio, no entanto, eram por demais primitivas (JUNQUEIRA, 1994, p. 41).

O recenseamento geral do Brasil de 1872 apontava que Santa Cruz do Rio Pardo apresentava um núcleo urbano um pouco complexo, do ponto de vista da variedade das atividades econômicas, embora se destinasse a atender a demanda local e regional, visto que os municípios de maior porte, naquela época eram Botucatu (158 km) e Lençóis Paulista (131 km). Santa Cruz do Rio Pardo era naquele período, segundo Monbeig (1984), a “Boca de Sertão”, pois não havia núcleos urbanos em direção ao oeste.

Encontrava-se no final do século XIX as profissões listadas na tabela 1. Considerando os setores⁶ da economia, as atividades rurais representavam o elemento mais importante da economia, pois durante o último quartel do século XIX, representava 67,72% da quantidade de profissionais em atividade. O número, no entanto, poderia ser maior pois os 15,76% sem profissão, o qual consta no censo de 1872 (BRASIL, 1872), como pessoas que exerciam funções diversas, possivelmente atuavam também em atividades rurais, pois esse setor era o mais importante naquele período.

Os funcionários públicos somavam 1,5% das profissões exercidas, concentrados em atividades ligadas à prefeitura municipal, poder judiciário e ao ensino, embora ainda pouco acessível. A indústria/trabalhos artesanais representava 4,7% das profissões existentes e referia-se a pequenos consertos e produção de alguns alimentos e bebidas. O setor de serviços perfazia 8,0% e referia-se às costureiras e empregados domésticos. As profissões exercidas no âmbito do comércio totalizavam 2,1%.

⁶ Embora exista a categorização nacional de atividades econômicas, resolução 02/2010/CNA 2.0, o quadro não se vincula ao mesmo, pois a economia brasileira no século XIX era distinta da atual.

Tabela 1: Profissões exercidas em Santa Cruz do Rio Pardo em 1872.

Setor da economia	Profissão	Quantidade de pessoas
Atividades rurais	lavradores	2.366
	assalariados rurais	129
	criadores	78
Total: 2.573		
Atividades industriais/artesanais	operários em metal	19
	operários em tecido	50
	artesãos	93
	fabricantes	18
Total: 180		
Funcionários públicos	juiz	1
	procuradores	6
	oficiais de Justiça	4
	professoras/homens de letras	4
	empregados públicos	43
Total: 58		
Comerciantes	comerciantes/caixeiros	80
Total: 80		
Serviços	costureiras	230
	empregados domésticos	76
Total: 306		
Outros	sem profissão	599
Total: 599		
Total Geral: 3.799		

Fonte: BRASIL (1872).
Org: Ferreira Dias, 2019.

Considerando os dados expostos, observou-se que a economia de Santa Cruz do Rio Pardo era atrelada às atividades desenvolvidas no âmbito rural, embora a cidade apresentasse importância regional, verificável pela presença do setor judiciário e por se tratar de um município já emancipado no segundo quartel do século XIX, sendo naquele período o que Monbeig (1984) denominava como “Boca do Sertão”. Também, Santa Cruz do Rio Pardo contava no final do século XIX, com um importante jornal de circulação estadual, o Correio do Sertão, escritórios de advocacia, selaria, relojoaria, lojas de tecidos, barbearia, cabelereiro, vendedores por encomenda, hotel, farmácia, aulas particulares e médico clínico geral. A primeira escola particular foi fundada em 1909, sendo direcionada às mulheres e em 1914 fundou-se o primeiro Grupo Escolar (JUNQUEIRA, 1994).

O Recenseamento Geral de 1872 identificava a existência de 190 escravos. No Recenseamento Geral de 1920 (BRASIL, 1920), observou-se a presença da mão-de-obra constituída por imigrantes, sendo que esses, dedicavam-se inicialmente ao cultivo de café.

O Recenseamento Geral de 1920 (BRASIL, 1920) apontava 262 estabelecimentos rurais, sendo que em 89 havia maquinário para o beneficiamento dos gêneros alimentícios produzidos localmente. Destacava-se as máquinas de beneficiamento de café, 16, e os equipamentos relacionados ao processamento da cana-de-açúcar. Havia 8 equipamentos relativo à transformação em álcool e 48 em açúcar. Apesar disso, a produção de cana-de-açúcar era pequena no período, ocupando apenas 142 hectares, representando um cultivo ainda sem finalidade comercial.

Tabela 2: Estabelecimentos rurais com máquinas de beneficiamento de gêneros alimentícios em Santa Cruz do Rio Pardo, 1920.

Atividade	1920	
	Qtde	%
Beneficiamento de arroz	2	2,24%
Beneficiando de café	16	17,97%
Beneficamento de mate	1	1,12%
Fabricação de açúcar	48	53,93%
Fabricação de álcool	8	8,98%
Descascamento de algodão	1	1,12%
Moagem de Cereais	13	16,60%
Total de estabelecimentos com máquinas de beneficiamento	89	33,93%
Total Geral de estabelecimentos	262	

Fonte: BRASIL (1920).
Org: Ferreira Dias, 2019.

Os dados da tabela 2 expressam que a presença de máquinas de beneficiamento em parte dos estabelecimentos rurais era capaz de satisfazer parcialmente a demanda do setor agrícola e por esse motivo, a sede urbana do município ainda apresentava poucas funções, notadamente a administração municipal, alguns serviços, educação e o comércio de itens não encontrados nas fazendas/estabelecimentos rurais.

Tem-se uma mudança fundamental do ponto de vista econômico; além da construção da ferrovia Sorocabana, inaugurada em 1906, ocorreu a expansão do café, incidindo na necessidade de mão-de-obra e, portanto, no povoamento local. Porém, o município ainda contava com alguns distritos (quadro 1) que foram gradativamente emancipados, justificando assim o número expressivo de habitantes, considerando um período no qual a população em geral não era numerosa, sobretudo no Centro-Oeste Paulista.

Em 1920 havia 39.427 habitantes, sendo 3.806 estrangeiros, ou 3,80% da população. Conforme a tabela 3, a maioria de imigrantes era de origem italiana, 37,30%; seguido por espanhóis, 31,87%, russos, 16,81%, japoneses, 5,4%; ao passo que as demais nacionalidades somavam 8,62% (BRASIL, 1920). Os imigrantes inseriram-se em atividades agrícolas,

notadamente o cultivo de café, com exceção dos japoneses, que rapidamente deixaram as atividades agrícolas e passaram a dedicar-se ao comércio. Parte desses imigrantes já tinha profissões definidas, como professor, relojeiro, alfaiate, atividades industriais, passando a exercer em Santa Cruz do Rio Pardo (JUNQUEIRA, 1994).

Tabela 3: Imigrantes em Santa Cruz do Rio Pardo, 1920.

Nacionalidade	Número de pessoas	%
Italiana	1.420	37,30
Espanhola	1.213	31,87
Russa	640	16,81
Japonesa	207	5,4
Portuguesa	175	4,59
Turca	156	4,09
Argentina	70	1,83
Alemã	19	0,49
Austríaca	15	0,39
Servia	12	0,31
Francesa	10	0,26
Outras nacionalidades	27	0,70
Total de estrangeiros	3.806	

Fonte: BRASIL, 1920
Org: Ferreira Dias, 2019.

Na tabela 4, nota-se que entre 1872 e 1890, a população cresceu 30,69%, reflexo do processo de migração de agricultores mineiros ao município. Entre 1890 e 1900 ocorreu um decréscimo 11% da população, explicável devido à emancipação de São Pedro do Turvo em 1891. O censo demográfico de 1920 apontava um grande aumento da população de Santa Cruz do Rio Pardo, na ordem de 87,40%, reflexo da expansão do cultivo de café e instalação da ferrovia em 1906, possibilitando o escoamento da produção cafeeira e atraindo novos contingentes populacionais, devido a oferta de trabalho na produção cafeeira.

O expressivo crescimento populacional também ocorreu entre 1920 e 1940, momento em que a população de Santa Cruz do Rio Pardo aumentou 35,80%. Porém, até 1940 apenas 10,41% da população habitava a cidade, fato que se refere ao predomínio da produção cafeeira, o qual ocupava bastante mão-de-obra e a mesma, habitava a área rural.

A década de 1940, em escala nacional, apresentou uma evidente evolução demográfica mostrando-se de acordo com Santos (2013), um período marcado por um crescimento geral da população brasileira considerando as melhorias sanitárias, evolução da medicina quanto ao tratamento e prevenção de algumas doenças outrora mortais, bem como a alta taxa de natalidade

em especial nos últimos anos dessa década, findada a II Guerra Mundial. No entanto, a população se manteve majoritariamente rural.

Quanto ao decréscimo populacional verificado entre 1940 e 1950, Junqueira (1994) apontou que a expansão dos cafeeiros em direção ao norte pioneiro paranaense atraiu migrantes do Centro-Oeste Paulista. Por outro lado, ocorreu o início do processo de urbanização, associado às mudanças na agricultura, o que culminou com deslocamentos em direção às cidades de maior porte populacional. Apesar disso, Santa Cruz do Rio Pardo também passou por um processo de urbanização pois em 1940, apenas 10,41% da população era urbana, alterando-se para 25,78% na década de 1950.

Tabela 4: Evolução populacional de Santa Cruz do Rio Pardo entre 1872-1950.

Santa Cruz do Rio Pardo			
ano	População urbana	População rural	População Total
1872	-----	-----	3.832
1890	-----	-----	5.529
1900	-----	-----	4.964
1920	-----	-----	39.427
1940	6.399	54.589	61.416
1950	8.293	23.865	32.158

Fonte: IBGE (1940, 1950); BRASIL (1872, 1890).
Org: Ferreira Dias, 2019.

A dinâmica rural-urbana perpassa a análise dos elementos da economia do município estudado quanto aos aspectos rurais e às atividades econômicas exercidas no âmbito urbano. O primeiro censo agropecuário (BRASIL, 1920), apontava que Santa Cruz do Rio Pardo tinha 262 estabelecimentos rurais, sem especificar qual área e quantos estabelecimentos rurais eram ocupados por cada condição de produtor rural.

Em 1920, a área territorial era 180.700 hectares sendo que na década de 1940 foi possível constatar uma perda territorial de 46.500 hectares, ou 24,55% da área municipal passando a ter 131.000 hectares, mantendo-se inalterado na década de 1950. A diminuição da área municipal⁷ refere-se à emancipação de Chavantes em 1922 e Bernardino de Campos em 1923. Devido à ausência de dados referentes a 1920 torna-se inviável a análise das mudanças comparativas entre as demais décadas em que foi realizado o Censo Agropecuário, 1940 e 1950 (IBGE, 1940, 1950).

⁷ A área total do município, apontada nas tabelas foi calculada não excetuando a área urbana e outras destinações como estradas e rodovias, uma vez que o dado disponibilizado pelo IBGE, referente ao tamanho dos municípios não aponta esses aspectos.

Assim, a tabela 5 contém a área total⁸ de estabelecimentos rurais por condição do produtor em Santa Cruz do Rio Pardo entre 1940 e 1950.

Tabela 5: Condição do produtor e área total dos estabelecimentos rurais de Santa Cruz do Rio Pardo: 1940 – 1950.

Condição do produtor	1940		1950	
	Área	%	Área	%
Proprietários	69.643	66,28%	71.632	75,72%
Arrendatários	16.950	16,13%	1.184	1,25%
Ocupantes	0	0	108	0,11%
Administradores	18.020	17,15%	21.618	22,86%
Área total dos estabelecimentos (ha)	105.063		94.542	

Fonte: IBGE (1940, 1950).
Org: Ferreira Dias, 2019.

Embora a área territorial não tenha mudado, observou-se a diminuição de 9.521 hectares ou -7,26%, quanto à área ocupada por estabelecimentos rurais. Os motivos para essa diminuição consistem em: 1) o município aumentou sua taxa de urbanização de 10,41% na década de 1940 para 25,78% na década de 1950, expandindo conseqüentemente o perímetro urbano e diminuindo parte da área rural; 2) mudanças na metodologia da pesquisa realizada pelo IBGE (1940, 1950), sendo que na década de 1940 não foi especificado a quantidade de estabelecimentos por condição do produtor.

Cabe notar (tabela 6) que a quantidade de estabelecimentos rurais totais diminuiu entre 1940 e 1950, passando de 1.955 para 1.206, ou seja, uma redução de 38,31%. A condição de proprietários era a mais relevante, conforme se nota na tabela 6, na medida que 88,22% tinham esse tipo de proprietário. Na tabela 5 notou-se que a diminuição da área dos arrendatários, de 16.950 hectares (16,13%), para apenas 1.184 hectares (1,25%), ocorrendo a redução 15.766 hectares ou 93,01% ocupados por arrendatários.

Portanto, embora não exista o dado quanto à quantidade de estabelecimentos rurais por condição do produtor para o ano de 1940, estima-se que a quantidade de proprietários aumentou, pois, a tabela 6 demonstra que ao menos em relação à área ocupada por essa condição de estabelecimento rural, houve aumento entre 1940 e 1950. Estima-se que parte dos arrendatários tornaram-se proprietários, ao conseguirem acumular capital, adquirindo alguns estabelecimentos rurais, os quais não necessariamente seriam destinados majoritariamente ao cultivo comercial do café, conforme outrora.

⁸ Para a década de 1940 não há a informação de quantos estabelecimentos existem para cada condição de produtor rural, existindo apenas a área total desses estabelecimentos.

Tabela 6: Total dos estabelecimentos rurais por condição do produtor em Santa Cruz do Rio Pardo em 1950.

Condição do produtor	1950	
	Quantidade	%
Proprietários	1.064	88,22%
Arrendatários	46	3,81
Ocupantes	13	1,07%
Administradores	83	6,88%
Total de estabelecimentos	1.206	

Fonte: IBGE (1940, 1950).
Org: Ferreira Dias, 2019.

A condição de colono/meeiro tornou-se menos recorrente, sendo que parte se tornaram proprietários de terras ou deslocaram-se para a área urbana, fixando residência na mesma, passando a desenvolver outras atividades econômicas. De fato, nota-se na tabela 7 que embora a quantidade de estabelecimentos rurais tenha diminuído no período analisado, houve, um aumento da área relativa aos proprietários individuais que passaram de 69.643 hectares para 71.632, sendo que a participação no total passou de 66,28% para 75,72%.

As áreas referentes aos ocupantes, passaram por poucas alterações, pois se em 1940 não havia sequer área relativa a essa condição de produtor rural, em 1950, havia 108 hectares, o que representava 0,11% da área total ocupada por estabelecimentos rurais e 1,07% da quantidade dos estabelecimentos. As áreas ocupadas por administradores passaram de 18.020 hectares (17,15% do total), para 21.618 hectares, ou 22,86% do total da área ocupada por estabelecimentos rurais. Em 1950, havia 83 estabelecimentos rurais cuja condição do produtor referia-se ao administrador, representando 6,88% total (tabela 6).

Na tabela 7, observa-se que os pequenos estabelecimentos rurais com menos de 10 hectares aumentaram quantitativamente, pois, em 1920, não havia nenhum nessa condição ao passo que, em 1940, havia 179, somando 9,15% do total. Em 1950, o percentual passou a ser 16,74%, pois a quantidade de estabelecimentos rurais com menos de 10 hectares tornou-se 202. Em 1920, havia 58 estabelecimentos rurais entre 10 e 50 hectares, somando 22,13% do total. Esse número aumentou em 1940, quando passaram a existir 377, significando 19,28% total. Em 1950, havia 586 estabelecimentos rurais, somando 48,59% do total. Esse fato coaduna o indicativo de que parte dos arrendatários, ao acumular capital, tornaram-se proprietários rurais, adquirindo pequenos estabelecimentos rurais.

Os estabelecimentos rurais com tamanho entre 101 e 500 hectares somavam 93 ou 35,49% em 1920. Em 1940, havia 633 estabelecimentos, 11,76% do total e, em 1950, eram 182 estabelecimentos, ou 15,09%. Na categoria entre 500 e 1.000 hectares, em 1920 havia 34

estabelecimentos, representando 12,97% do total. Em 1940 reduziu-se a quantidade de estabelecimentos e a participação no percentual total, pois havia 17 estabelecimentos ou 0,17% do total. Em 1950, quantidade de estabelecimentos subiu para 28, ou 1,32% do total.

Para o ano de 1920 não há informação quanto à área total para cada patamar de estabelecimento rural, e no caso daqueles estabelecimentos com mais de 1.000 hectares, não há a informação disponível sobre o tamanho máximo encontrado no município. Estima-se que a concentração de terras era maior em 1920, pois o café era a atividade econômica predominante e por ser um período em que o município recebeu grandes contingentes migrantes, os quais inseriram-se nas fazendas dedicadas ao cultivo de café.

Tabela 7: Estrutura Dimensional dos Estabelecimentos Rurais de Santa Cruz do Rio Pardo: 1940 – 1950.

Grupos de Área	1920		1940		1950	
	nº	%	nº	%	nº	%
Menos de 10	0	0	179	9,15%	202	16,74%
10 a 50	58	22,13%	377	19,28%	586	48,59%
51 a 100	67	25,57%	633	32,37%	216	17,91%
101 a 500	93	35,49%	230	11,76%	182	15,09%
de 500 a 1.000	34	12,97%	17	0,86%	28	2,32%
Mais de 1.000	10	3,8%	6	0,30%	8	0,66%
Total	262		1.955		1.206	

Fonte: IBGE (1940, 1950); BRASIL (1920).
Org: Ferreira Dias, 2019.

A tabela 8 aponta entre 1940 e 1950 uma desconcentração de terras pois os estabelecimentos entre 10 e 50 hectares passaram de 8,76% da área ocupada para 15,94%. No patamar entre 51 a 100 hectares, passou-se de 13,84% para 16,11% da área total dos estabelecimentos rurais e entre 101 e 500 hectares, ocorreu uma maior variação, de 16,41% para 28,05%. Também, ocorreu a diminuição proporcional de área ocupada por estabelecimentos rurais com mais de 1.000 hectares, de 41,04% do total para 23,87%.

A desconcentração de terras se refere às mudanças no caráter da situação do produtor rural, pois, parte dos arrendatários teriam acumulado capital e adquirido pequenos estabelecimentos rurais, decorrente da fragmentação de propriedades outrora destinadas a produção comercial do café. O café não deixou de ser plantando (tabela 10), mas junto ao processo de urbanização do município, há o desenvolvimento de atividades urbanas que davam suporte à produção cafeeira, significando assim que esse cultivo não necessariamente ocorreria onde houvesse a completa estrutura para o beneficiamento.

Tabela 8: Área dos estabelecimentos rurais quanto à estrutura dimensional em Santa Cruz do Rio Pardo entre 1920-1950.

Grupos de Área	1940		1950	
	Área (ha)	%	Área (ha)	%
Menos de 10	1.349	1,28%	1.394	1,47%
10 a 50	9.206	8,76%	15.071	15,94%
51 a 100	14.547	13,84%	15.238	16,11%
101 a 500	17.245	16,41%	26.525	28,05%
de 500 a 1.000	19.589	18,64%	13.745	14,53%
Mais de 1.000	43.127	41,04%	22.569	23,87%
Total	105.063		94.542	

Fonte: IBGE (1940, 1950).

Org: Ferreira Dias, 2019.

Quanto ao uso da terra (tabela 9) entre 1940 e 1950, apesar de ter ocorrido uma diminuição da área dos estabelecimentos rurais, de 105.063 hectares em 1940 para 94.542 hectares em 1950, tem-se a diminuição das áreas não utilizadas, pois em 1940 havia 46.852 hectares, ou 44,59%, que não tinham uso sendo que, em 1950, as áreas sem uso eram 14.598 hectares ou 15,44% do total. Para o IBGE, as áreas classificadas como não utilizadas, são aquelas não exploradas para fins agropecuários, podendo ter diversas destinações.

Tabela 9: Utilização das terras em Santa Cruz do Rio Pardo: 1940 – 1950.

Atividade	1940		1950	
	Área (ha)	Total (%)	Área (ha)	Total (%)
Agricultura	34.942	33,25%	30.880	32,66%
Pastagens	11.665	11,10%	36.031	38,11%
Matas e florestas	14.132	13,45%	8.464	8,9%
Não utilizadas	46.852	44,59%	14.598	15,44%
Improdutivas	1.797	1,71%	4.569	4,83%
Total	105.063		94.542	

Fonte: IBGE (1940, 1950).

Org: Ferreira Dias, 2019.

Estima-se que parte dos arrendatários, mediante a acumulação de capital oriunda dos salários que receberam nas fazendas de café, adquiriram pequenos estabelecimentos rurais e desenvolveram alguma atividade econômica pois as áreas não utilizadas diminuíram. Por outro lado, ocorreu um aumento das áreas improdutivas, passando de 1.797 hectares ou 1,71% do total para 4.569 hectares ou 4,83% do total, possivelmente devido ao exaurimento do solo, provocado pelo plantio contínuo do café, o qual completava cerca de 4 décadas.

Parte das terras não utilizadas em 1940 foram destinadas à pastagem, pois a área passou de 11.665 hectares para 36.031, respectivamente 11,10% do total para 38,11%. Em 1950, Santa Cruz do Rio Pardo passou a apresentar uma pecuária expressiva, com 30.898 cabeças, dentre

gado bovino, caprinos, ovinos e equinos. A área destinada à agricultura diminuiu, passando de 34.942 hectares ou 33,25% do total para 30.880 hectares ou 32, 66%.

Conforme o Censo agropecuário de 1940 (IBGE, 1940), a pecuária contava 9.377 animais em Santa Cruz do Rio Pardo, entre equinos, muares, caprinos e, principalmente bovinos. O número passou a ser 29.739 animais em 1950 (IBGE, 1950), significando um crescimento de 68,46%, justificando assim, o aumento da área ocupada pelas pastagens.

A tabela 10 refere-se a área e quantidade produzida dos principais cultivos agrícolas, para os anos de 1920 a 1950. Por não estar disponível o dado acerca da área cultivada para o ano de 1940, o mesmo não foi considerado. Em 1920 a maior parcela das terras de Santa Cruz do Rio Pardo era ocupada pelo cultivo do café (46,13%), mas a produção representava apenas 4,93% do total dos produtores agrícolas. Estima-se os cafeeiros haviam sido plantados recentemente e por essa razão ainda não haviam atingido produções expressivas.

Em 1940, dentre os 1.955 estabelecimentos rurais, 387 produziam café, sendo produzidas 6.890 toneladas. Em 1950 produziu-se 6.736 toneladas e, embora não esteja disponível o dado acerca da área plantada em 1940, supõe-se que em razão do aumento da área dedicada à pastagem, a área relativa ao plantio não passou por alterações, embora o maior destaque verificado quanto à pecuária evidencie o início de um processo de diversificação da produção agropecuária.

Embora o milho representasse a maior produção, o café já ocupava em 1920 a maior área. Essa produção aumentou 9,13% entre 1920 e 1940 e diminuiu 23,96% entre 1940 e 1950. Porém, o milho era o principal produto quanto à quantidade produzida em 1940 embora não houvesse dados acerca da área destinada ao mesmo. Durante 1940, o algodão era o segundo cultivo em quantidade produzida pois havia aumentado 80,14% em relação a 1920. Na década seguinte, a produção caiu 81,03%, não consolidando-se como um cultivo relevante no município, ao contrário da cana-de-açúcar, pouco expressiva no período analisado, mas que se tornou o principal cultivo a partir da década de 1980.

Na década de 1950, houve a maior produção de arroz, com 4.251 hectares plantados e 6.852 toneladas produzidas. Em relação a 1920, o crescimento foi de 94,58% relativo à área plantada e 93,95% quanto à produção. O período coincide com o início da atividade do beneficiamento desse produto, a qual tornar-se-ia gradativamente a principal atividade industrial do município, a partir da década de 1980 (FERREIRA DIAS, 2019). O feijão perdeu importância em quantidade produzida e área plantada pois em 1920 era a segunda maior produção dentre os gêneros alimentícios com 2.434 hectares de área plantada e 2.920 toneladas produzidas e, em

1940, a quantidade colhida diminuiu 86,71% em relação a 1920, sendo que a década de 1950 apresentou uma produção ainda menor.

Tabela 10: Área e quantidade produzida dos principais cultivos agrícolas de Santa Cruz do Rio Pardo: 1920 – 1950.

Principais Culturas	1920		1940		1950	
	Área(ha)	Qtde (t)	Área(ha)	Qtde (T)	Área(ha)	Qtde (T)
Café	8.535	1.024	-----	6.890	8.576	6.736
Algodão	2.162	1.643	-----	8.274	2.381	1.569
Arroz	230	413,7	-----	695	4.251	6.852
Milho	4.999	10.797	-----	11.882	5.048	9.035
Feijão	2.434	2.920	-----	388	828	447
Cana-de-açúcar	142	230	-----	3.911	9	230
Área total dos principais produtos agrícolas	18.502	20.751	-----	32.040	16.045	23.300

Fonte: IBGE (1950), BRASIL (1920).
Org: Ferreira Dias, 2019.

Entre 1940 e 1950, Santa Cruz do Rio Pardo não apresentava um setor industrial expressivo do mesmo modo que o processo de industrialização ainda não era predominante no Brasil, de forma geral. A economia desse município era pautada no setor primário. Havia em 1940 um total de 36 empresas e 88 pessoas empregadas. Em 1950, a quantidade de pessoas empregadas aumentou 27,86% ao passo que o aumento quanto à quantidade de empresas foi de 18,18%. Em consulta ao censo industrial de 1940 e 1950 (IBGE, 1940, 1950), verificou-se que as indústrias existentes relacionavam-se à alimentos, materiais metálicos, beneficiamento de café e confecção de roupas e calçados.

Quanto ao comércio varejista, Santa Cruz do Rio Pardo apresentava em 1940, 113 estabelecimentos varejistas e 223 pessoas empregadas e, em 1950, 153 estabelecimentos e 343 pessoas empregadas, representando um aumento de 26,14% e 34,98% respectivamente. Em 1940, o comércio atacadista era composto por 9 estabelecimentos e 40 pessoas empregadas, e, na década de 1950, 12 estabelecimentos e 42 pessoas empregadas, um aumento de 33,33% em relação à quantidade de estabelecimentos e 4,76% em relação ao pessoal empregado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Santa Cruz do Rio Pardo não apresentou sua gênese estritamente relacionada à implantação da ferrovia e à expansão dos cafeeiros em direção ao Centro-Oeste Paulista, uma vez que a origem do povoamento desse município é parte do processo de desbravamento do

sertão paulista, realizado por mineiros que migraram após a decadência da atividade mineradora em Minas Gerais.

Entretanto, conforme de discuti nesse artigo, a expansão dos cafezais em direção ao Centro-Oeste paulista e também da ferrovia, no caso, a Sorocabana, foram elementos que contribuíram para o desenvolvimento econômico do município e para o crescimento populacional, mediante a vinda dos migrantes e imigrantes devido, ao trabalho no sistema colonato, predominante nas fazendas de café.

Entre o último quartel do século XIX e início do século XX, Santa Cruz do Rio Pardo desempenhava o papel de “Boca do Sertão” (MONBEIG, 1984), onde findava presença da civilização, ou seja, a presença do colonizador, sendo que as terras em direção ao oeste eram praticamente desconhecidas, situação drasticamente alterada com a inauguração das estações ferroviárias, as quais tornaram-se paulatinamente cidades.

Durante o período em que Santa Cruz do Rio Pardo era “Boca do Sertão”, o município desempenhava importante papel regional por apresentar serviços relativamente complexos para a época (tabela 1), embora pautasse sua economia no setor primário. A partir da inserção da ferrovia e da expansão do cultivo do café, tem-se a chegada de expressivo contingente imigrante (tabela 3), completando-se as condições necessárias para essa atividade econômica.

Na primeira metade do século XX, as atividades econômicas realizadas na cidade atendiam à demanda do âmbito rural, sendo que as atividades agrícolas, ainda empregavam vasta mão-de-obra, uma vez que ainda não haviam passado por uma modernização expressiva, justificando assim, o predomínio da população habitando a área rural.

A dinâmica urbana e rural perpassava o predomínio de uma economia pautada na agricultura, cujos principais produtos referiam-se ao café, milho, itens voltados para a comercialização fora do âmbito local e outras produções direcionadas para o consumo local. O núcleo urbano colocava-se como apoio às necessidades de consumo da população rural e uma restrita população urbana, bem como atendia a demanda quanto ao beneficiamento dos produtos agrícolas e comercialização dos alimentos produzidos localmente.

A existência de um comércio atacadista possibilitava a distribuição dos produtos industrializados, necessários à produção agrícola e também ao abastecimento da população, quanto às suas necessidades básicas. Portanto, tal atividade econômica atrelava-se ao setor primário, denotando que as atividades econômicas urbanas subsidiavam aquelas que ocorriam no âmbito rural. O comércio varejista atendia as demandas oriundas do campo e que não eram atendida nos distritos, concentrando-se na sede urbana municipal.

Com a existência de diferentes tamanhos de estabelecimentos rurais no município, parte ainda se destinava à cultivos voltados à exportação, e nesse sentido, a ferrovia era um elemento importante. O sistema de trabalho em colonato, existente no período, trazia como consequência o consumo e a venda dos excedentes da produção desenvolvida pelos colonos, favorecendo o desenvolvimento do comércio na cidade. Portanto, embora as atividades econômicas desenvolvidas no âmbito rural fossem ainda predominantes na economia municipal de Santa Cruz do Rio Pardo, havia atividades econômicas desenvolvidas no âmbito urbano, demonstrando a importância que o núcleo urbano estava adquirindo e o evidente processo de urbanização em curso.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: São Paulo: Livraria duas cidades, 1979, 284 p.
- CANO, Wilson. **Desconcentração Produtiva Regional do Brasil: 1970-2005**. São Paulo: Editora Unesp, 2007, 304 p.
- FERREIRA DIAS, Franciele. **Pequenas Cidades na Rede Urbana de Ourinhos – SP: Agronegócio e Especialização Produtiva**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 300p, 2019.
- HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo 1886-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IBGE. **Contagem da população 2018**. <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acessado 12 em abril de 2019.
- IBGE. **Dados censitários 1940 A 2000**. <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acessado em 19 outubro de 2019.
- JUNQUEIRA, Magali Ferreira. **Santa Cruz do Rio Pardo: Memórias-subsídios para a história de uma cidade paulista**. São Paulo: Editora Viena, 1994, 342 p.
- MARQUES, Flávio de Azevedo. **As ferrovias de São Paulo: Paulista, Mogiana e Sorocabana (1870- 1940)**. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo; 1974.
- MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Pólis Editora Hucitec, 1984, 392 p.
- PRADO, Caio Junior. **Formação Econômica do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PRADO, Celso & PRADO, Junko Sato. **Santa Cruz do Rio Pardo: historiografia para o século XIX**. Santa Cruz do Rio Pardo: Edição dos autores, 2012, 457 p.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 2013, 176 p.
- SEADE. **Rede urbana e regionalização do Estado de São Paulo**. São Paulo: Emplasa, 2011.
Disponível em:
<http://www.seade.gov.br/produtos/publicacoes/pub_RedeUrbanaRegionalizacaoESP_2011.pdf>. Acesso em 12/08/2015.
- SILVA, Sergio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1985, 120 p.
- WAIBEL, Leo. **As zonas pioneiras do Brasil**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia, v. 18, n. 4, p.389-422, 1955.